

A SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO E SUAS INFLUÊNCIAS NA ESCOLA: ENTRE A EXPERIÊNCIA DE FORMAR-SE COMO PROFESSOR E A SITUAÇÃO DA REALIDADE BRASILEIRA

DISCENTE: RAFAEL RIBEIRO¹

ORIENTADOR: TIAGO COSTA SANCHES

1. INTRODUÇÃO

*Século XXI.
Pra geração Do século XXI.
O que vai fazer pra Mudar?
Cruzar os braços e Reclamar?
Ou você vai ser A Revolução em Pessoa?!
-Racionais MC's*

Este artigo tem por finalidade demonstrar um pouco de minha investigação de conclusão de curso sobre o tema “A superexploração do trabalho e suas influências na escola”. Os temas aqui abordados são temas “cabeludos” e tem possibilidades de maior aprofundamento em todos eles. Porém, desejamos fazê-los e apresentá-los aos leitores como um balanço do que o graduando logrou desenvolver ao longo de seus dias de formação universitária. Equívocos, acertos e insights talvez sejam partes constitutivas deste artigo. Assim o fizemos e assim o assumimos.

Este estudo tem relevância, pois é produto de dois movimentos que se inter-relacionam: o balanço da experiência de graduação e o patamar a que chegamos à compreensão do que é uma escola em meio a relações sociais onde o educador (o graduando no caso) irá interferir.

Foi-nos incentivado ao longo da graduação tentarmos ser “professores pesquisadores” em nossa prática docente futura. Paulo Freire², um dos centrais autores deste artigo e de nossa percepção de mundo, coloca o seguinte:

¹ ESTUDANTE GRADUANDO DE HISTÓRIA GRAU LICENCIATURA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA.

² Paulo Freire nascido no Estado de Pernambuco no ano de 1921 falecendo em São Paulo no ano de 1997. É autor de vastíssima obra, reconhecido mundialmente. Atualmente é Patrono da Educação Brasileira.

Na medida, porém, em que, na captação do todo se oferece à compreensão dos homens, este se lhes apresenta como algo espesso que os envolve e que não chegam a vislumbrar, se faz indispensável que a sua busca se realize através da abstração. Isto não significa a redução do concreto ao abstrato, o que seria negar a sua dialeticidade, mas tê-lo como opostos que se dialetizam no ato de pensar. (...) A descodificação da situação existencial provoca esta postura normal, que implica num partir abstrato até o concreto; que implica numa ida das partes ao todo e numa volta deste às partes, que implica num conhecimento do sujeito no objeto (a situação existencial concreta) e do objeto com situação em que está o sujeito. (FREIRE, 1983, p.114)

Ou seja, o professor em sua prática como educador deve sempre buscar entender a complexidade que envolve cada tema e cada ambiente que adentra um verdadeiro “professor-pesquisador”. Um professor pesquisador é um professor de outra ordem de relação educando-educador não é bancário, pois não deposita conhecimento, mas o desenvolve junto aos educandos, que por sua vez também o ensinam³. Coloca-nos assim a questão:

Deste modo, o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também. Na medida em que o educador apresenta aos educandos, com objeto de sua “ad-miração”, o conteúdo, qualquer que seja, do estudo a ser feito, “re-ad-mira” a “ad-miração” que antes fez, na “ad-miração” que fazem os educandos. (FREIRE, 1983, p.80)

Esta forma de ver a educação foi construída em nós no curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino- Americana. Como professores graduandos cursamos a matéria de Laboratório de Ensino (I, II, III nos anos de 2016 e 2017) onde nos foi incentivado a pesquisa. Nós, depois de alguns processos de reflexão em Laboratório I, decidimos pesquisar a “consciência histórica de si em estudantes-trabalhadores” (as minúcias dessa pesquisa e seus porquês desenvolvemos nas linhas abaixo)

O professor à época nos indicou fazer um estudo exploratório de campo. No estudo exploratório executamos uma análise das narrativas dos estudantes, acompanhada, após a exposição literal de algumas narrativas mais simbólicas do conjunto dos educandos pesquisados sobre nosso tema abordado, de um parágrafo descritivo dos critérios de nossa análise da narrativa histórica.

Depois de uma análise das narrativas nos deparamos com o óbvio: não

³ “É deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador.” (FREIRE, 1983, p.78)

estávamos preparados entender a multiplicidade caótica que elas representavam. Tivemos que ir para a teoria social, entender como se dá às relações sociais de produção e reprodução da vida e suas respectivas formas de consciência. Tudo isso no processo de formação do graduando na universidade.

Como se percebe nosso objeto de estudo amplia-se e adquire um nível de complexidade maior. Ao longo da graduação, e tendo a possibilidade de cursar outras matérias junto a outros cursos, nos defrontamos com a Teoria Marxista da Dependência. Esse “achado” intelectual se constituiu como a peça central de nossa compreensão da escola e da consciência que tentamos analisar. Até nessa ampliação do tema de pesquisa Freire nos ampara, falando sobre a forma como se dá o conhecimento quando diz:

Estes, não somente implicam em outros que são seus contrários, às vezes antagônicos, mas também indicam tarefas a ser realizadas e cumpridas. Desta forma, não há como surpreender os temas históricos isolados, soltos, desconectados, coisificados, parados, mas em relação dialética com outros, seus opostos. Como também não há lugar para encontrá-los que não seja nas relações homem-mundo. O conjunto dos temas em interação constitui o “universo temático” da época. (FREIRE, 1983, p.109)

Como se percebeu nesta introdução o tema aqui desenvolvido é ousado, complexo e entra em grandes debates das ciências sociais no Brasil e no mundo. Para nós a ousadia é característica central da juventude trabalhadora da América Latina, por isso nos cabe conduzir esse desafio da melhor forma possível. Este artigo é produto de ousadia consciente.

O leitor logo irá perceber que alguns títulos de nosso artigo são acompanhados de trechos de Rap (nossa principal influência cultural). Nossa percepção é que a poesia e a realidade são produtos do mesmo movimento; por isso acreditamos que um estudo científico como este merece ter também a linguagem poética nele.

Nossa proposta de investigação surge da experiência individual do pesquisador, tendo em vista que este em seu período escolar foi um estudante que trabalhava de dia e cursava o ensino médio regular a noite. Ao longo dos debates em sala o professora da referida matéria se interessou pelo tema; este também viveu uma realidade parecida a do graduando, demonstrando a pertinência do tema trabalhado e incentivando o pesquisar em suas investigações.

Planejamos a época uma pesquisa exploratória sobre o tema em alguma escola da periferia de Foz do Iguaçu. Porém só conseguimos realizar este estudo no semestre seguinte, na matéria de Laboratório de Ensino II (4º Semestre), entre agosto e novembro de 2016. Depois de alguns debates entre o graduando e o professor surge o tema.

Tivemos como tema a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Na primeira folha do instrumento havia um questionário para saber do educando se já havia ou não trabalhado. E também se já havia trabalhado de carteira assinada e por quanto tempo. Na sequência a pesquisa trazia algumas charges e imagens sobre a vivência dos trabalhadores. Em seguida um pequeno texto sobre a conquista da CLT e uma atualização dos debates atuais da sociedade em torno da mesma. A pesquisa foi executada no contexto das tentativas de reforma da previdência pelo governo de Michel Temer. Este contexto teve forte impacto nas narrativas apresentadas. A escola pesquisada está localizada na zona norte de Foz do Iguaçu. O instrumento está, em Anexo I deste documento.

*Vai, salva o Brasil!
Concentra e calma, mira e dispara
Tiro na cara, mata esse imbecil
Cada verso perverso é como uma rajada
Que nem Marighella portando fuzil.
-Diomedes Chinaski*

2. A PESQUISA EXPLORATÓRIA

Executada a pesquisa exploratória e com as narrativas em mãos produzimos alguns dados interessantes. Debruçamos-nos sobre as narrativas e tivemos que criar alguns critérios de análise, principalmente a partir das visões de Jorn Rüsen sobre a história. Em “Como dar Sentido ao Passado” Rüsen nos coloca que

[...] a consciência histórica representa o passado em um inter-relacionamento mais explícito com o presente, guiado por conceitos de mudança temporal e por reivindicações de verdade. [...]O processo mental da consciência histórica pode ser rapidamente descrito como o significar da experiência do tempo interpretando o passado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro.(RÜSEN, 2009,p.4-6)

Para nossa pesquisa isso foi de central importância, inclusive na elaboração mesma da pergunta exigimos aos estudantes a relação entre passado, presente e

futuro do tema trabalhado (ver ANEXO I). Porém posteriormente tivemos que aprofundar um pouco mais a nossa análise do conjunto das narrativas e criamos os seguintes critérios:

Critérios das análises da pesquisa:

- | | |
|--|-------------------------------|
| 1- Trabalho Formal; | 6- Perspectiva para o futuro; |
| 2- Trabalho Informal; | 7- Visão de nenhuma mudança; |
| 3- Os dois tipos de relação trabalhista; | 8- Futuro negativo; |
| 4- Perspectiva histórica (Passado, presente e futuro); | 9-Futuro positivo; |
| 5- Crítica a falta de direitos; | |

Com esses critérios conseguimos sistematizar as análises de modo quantitativo para perceber similitudes, continuidades e rupturas entre as narrativas históricas dos grupos estudados. Produzimos duas tabelas. Uma para os estudantes de EJA e outra para os estudantes do Ensino Médio Regular da mesma escola. Primeiro executamos a tabela do EJA e destacamos algumas narrativas que acreditamos serem simbólicas do conjunto das outras e que também nos geraram algumas inquietudes. Vamos a elas.

Tabela dos estudantes do EJA:

Critério	Quantidade	Destaques
1	8	
2	1	
3	3	
4	12	
5	10	
6	7	
7	2	
8	7	
9	4	1-não tinha visão clara

Na turma do EJA todos os estudantes da sala participaram voluntariamente da pesquisa, configurando 12 narrativas históricas sobre o tema trabalhado.

Destacaram-se para nós, deste grupo de estudantes, as narrativas dos sujeitos: 3, 4 e 10. Destacamos essas narrativas na íntegra para ter uma dimensão da multiplicidade de ideias que um estudante produz. Reproduzimos na íntegra

inclusive com os erros de ortografia e pontual, para ser o mais fiel possível as ideias dos educandos.

A narrativa do sujeito 3 diz o seguinte:

“No passado os trabalhadores corriam muitos risco pois nas alturas e com certeza não tinham um salario bom, e hoje acho que ainda dam (dão) pouco valor aos trabalhadores ganhamos pouco muito pouco deveríamos ganhar melhor por oque ganhamos da só para viver. No futuro que seja com bem mais oportunidades de serviço e um salario mais justo pois devemos ser mais reconhecidos pelo nosso trabalho. Por um salario maior que seja o nosso hoje.”

Esta educanda não estava trabalhando no momento da pesquisa, mas já havia trabalhado de atendente. Tinha 19 anos de idade. Trabalhou por 10 meses em uma pizzeria em Foz do Iguaçu. Ela apresentou uma perspectiva histórica sobre o tema (critério 4), fez críticas à falta de direitos (critério 5), apresentou uma perspectiva para o futuro (critério 6) e teve um desejo de que o futuro fosse algo positivo (critério 9).

A narrativa do indivíduo 4 nos diz o seguinte:

Vemos que; a medida que as décadas, vão passando, os trabalhadores, só é explorados; no passado no passado, não tinha leis trabalhistas, no presente, tem leis; e direitos trabalhistas; mas, as leis. só favorecem aos empregadores. Os trabalhadores tem que recorrer atraz dos seus direitos, sempre negados. Por que os poderoso paga um milhão para um bom advogado e não mil p/ o trabalhador. Vejo no futuro; que se a sociedade não se manifestar sera tirado tudo o que se conquistou através de décadas de lutas e sofrimento. Vejo o que está acontecendo, em Brasil? sera que você tá participando das negociações? ou vai ficar calado?.

Essa narrativa é de um senhor de 64 anos. Não estava trabalhando no momento da pesquisa. Havia trabalhado na construção civil na área de topografia. Exerceu atividade de carteira assinada durante 44 anos de sua vida. O senhor apresentou uma perspectiva histórica (critério 4), apresentou fortes críticas a falta de direitos (critério 5) e inclusive que poderíamos perdê-lo, apresentou uma perspectiva para o futuro (critério 6) mas não necessariamente uma perspectiva positiva ou negativa do futuro, apresenta uma perspectiva de luta extremamente interessante que fugiu dos nossos critérios iniciais de análise. Voltaremos a comentar sobre a consciência deste educando ao final de nosso artigo.

O indivíduo número 10 do EJA escreveu que:

No passado o trabalho era basicamente uma forma de escravidão, sem muitas formas de segurança os trabalhadores onde eles trabalhavam era o mesmo lugar onde se acontecia as refeições e sua necessidade básica. Atualmente mudou a carga horária de trabalho; agora o trabalhador tem benefício na empresa como férias décimo terceiro auxílio maternidade e aposentadoria. No futuro com as leis que estão sendo criadas o trabalhador muito pouco conseguiu uma aposentadoria digna, isso se ele conseguir a se aposentar.”

Este educando esteve em uma relação trabalhista formal (critério 1), tinha a época 26 anos. Trabalhava no momento da pesquisa como operador de máquinas no ramo de reflorestamento. Apresentou os critérios: 4 e 6. Porém, tem a visão de o futuro será algo negativo (critério 8). Percebemos que sua narrativa está influenciada pela fonte que colocamos na redação, a imagem dos trabalhadores do Edifício Rockefeller (Ver ANEXO I), quando diz que “eles trabalhavam no mesmo lugar que acontecia as refeições e sua necessidade básica”.

Para as nossas aspirações no estudo exploratório era de central importância a narrativa dos adolescentes. Inicialmente havíamos executado a pesquisa com os adultos do EJA para reparar se havia grandes diferenças nas narrativas. Mais a frente falaremos como foi primordial para nós ter feito essa boa opção de dois grupos distintos de idade e experiência de vida. Os educandos jovens produziram narrativas diferentes da dos adultos. Vamos a elas.

Tabela dos estudantes do Ensino Médio Regular:

Critério	Quantidade	Destaques
1	8	
2	8	
3	0	
4	18	
5	13	
6	18	
7	0	
8	11	
9	7	

O grupo dos estudantes do ensino médio regular era de 37 pessoas, mas apenas 19 responderam ao questionário de forma voluntária. Um respondeu o

questionário na parte de redação sem qualquer ligação com o tema, não sendo considerado para os propósitos da pesquisa.

Destacou-se pra nós entorno do tema as narrativas dos estudantes: 6, 8, 13 e 15. O destaque se deve a situação mesma dos estudantes, grupo identificado com os interesses da pesquisa; são exemplos da multiplicidade dos processos de consciência histórica.

O indivíduo 6 produziu a seguinte narrativa:

“No passado os trabalhadores não tinham muitas condições de trabalho, pois não tinham leis que os protegiam, não tinham carteira assinada, direitos e nem salário digno, mas o que podiam fazer, não tinham estudo e tiveram que aceitar o que era oferecido. Com a criação da CLT no Brasil, o trabalho melhorou, foram criadas várias leis para ajudar o trabalhador, aposentadoria, carteira assinada, férias anuais e um salário mínimo garantido, finalmente o trabalhador brasileiro tinha o que merecia, mas isso gerou muitos gastos para os empresarios, foi igual quando começou a ter regras para ter escravos, os idosos deviam ser libertados, os recém nascidos etc, isso gerou gastos para os burgueses e eles não gostaram nem um pouco. Se o Brasil continuar como esta, com leis que privatiza a escola para que os que não podem estudar período integral pois tem que trabalhar para sustentar a família, isso gera mão de obra barata para os burgueses, fazendo que os pobres sejam praticamente escravos, sem aposentadoria, sem estudo, sem saúde, não terá nada, só trabalhará para viver e viverá para trabalhar.”

Esta narrativa é a de um estudante que à época tinha 16 anos, trabalhava como recepcionista em um restaurante e tinha uma relação trabalhista formal. Apresentou os critérios “4 e 5” em suas narrativas, elaborando uma visão negativa para o futuro. Essa narrativa foi contundente na crítica à sociedade existente, dando nome aos agentes políticos da sociedade.

Na sequência numérica o indivíduo 8 escreveu:

“Antes você trabalhava muito e recebia pouco, que independência você quase não tinha, viva muito para o trabalho, e independente da sua idade você trabalhava o período inteiro e não tinha carteira assinada, tinham pouco direitos os trabalhadores. Hoje menor de idade consegue trabalhar meio período e ganhar um salário mínimo com carteira assina e tem vários sites e empresas que facilitam para achar um trabalho. No futuro não sei como vai ser porque está sempre mudando para bom ou ruim, é algo imprevisto.”

Este estudante nunca tinha trabalhado até o momento de nossa pesquisa, tinha 17 anos à época. Apresentou somente o critério 4, não criticou a falta de direitos e nem problematizou o presente, fez inclusive manifestações - a partir de sua realidade - de que hoje os trabalhadores jovens têm mais oportunidades de

emprego e carteira assinada, conseguem trabalho a partir de sites de emprego. Essa narrativa destoa totalmente das narrativas dos educandos do EJA e do educando número 6.

O indivíduo 13 construiu o seguinte:

“A situação dos trabalhadores no passado podemos dizer que era uma situação mais precária, os adolescentes antigamente não tinham benefícios como os de hoje podem ter, independente da idade tinham que trabalhar igual alguém maior de idade para receber as vezes um prato de refeição. Hoje em dia, temos muitas empresas fornecendo ajuda para os jovens trabalhar meio período e não querem.”

Esta educanda tinha à época 17 anos, trabalhava como recepcionista em uma clínica e não tinha vínculo empregatício formal. Apresentou somente o critério 4 em sua narrativa, por sua vez também não criticou de nenhuma forma as relações de trabalho atualmente existentes, fez elogio ao atual modo de relação trabalhista na vida de um jovem trabalhador; não apresentou nenhum tipo de perspectiva para o futuro. Mantém a mesma linha do educando 8 de nossa pesquisa.

A narrativa da educanda 15 coloca título a sua narrativa e diz o seguinte:

“ Os trabalhadores de amanhã vistos como trabalhadores do passado. Graças a CLT, já conseguimos garantir muitos direitos, como carga horária máxima de 8 horas, 13º salário e outros benefícios. Sabemos que antigamente nada disso existia e que ninguém tinha seus direitos trabalhistas garantidos, o que sacrificava os trabalhadores, que trabalhavam muito por pouco. Vemos que no futuro próximo seremos como trabalhadores do tempo do tempo antigo como “escravos”, com algumas vantagens mas com muito mais desvantagem. Trabalhadores ao todo não são valorizados como merecem, e não tem o espaço necessário para gritar suas necessidades, sabemos que os mais poderosos fazem questão de abafar esse grito por justiça e reconhecimento pelo seu trabalho que nem sequer garante o pão de cada dia dentro de casa.”

Esta educanda tinha 16 anos à época do estudo exploratório, não estava trabalhando, mas já havia sido babá em uma relação trabalhista informal. Apresentou os critérios: 4, 5 e 6 em sua narrativa. Porém, nos colocou que possivelmente o futuro será ruim (critério 8), dizendo inclusive que as relações trabalhistas serão bem próximas às do tempo da escravidão.

Estas narrativas são as mais simbólicas para nossas finalidades até aquele momento e expressa mais ou menos por onde flutuaram as narrativas dos jovens estudantes, trabalhadores e não trabalhadores do Ensino Médio Regular. Essas narrativas têm elementos de continuidades entre elas ao mesmo tempo em que grandes diferenças.

Enquanto na mesma sala de aula alguns estudantes apresentavam uma crítica aberta a realidade das relações de trabalho no país outros consideraram que a realidade atual é a melhor possível em comparação ao passado, colocando as relações de trabalho atuais como boas. Boa parte dos jovens apresentou uma visão negativa do futuro, trabalhadores ou não. Isso nos gerou algumas inquietudes que atravessaram a experiência do formando na universidade. Os adultos por sua vez eram mais críticos - em sua maioria - a realidade existente atualmente, porém também tinham uma perspectiva negativa para o futuro (em sua maioria). Outra grande inquietude.

2.1 AS INQUIETUDES A PARTIR DO ESTUDO EXPLORATÓRIO.

De início percebemos que a maior parte das narrativas foi ao encontro ao objeto inicial deste estudo exploratório. Porém, manifestou-se de forma clara para o pesquisador que - em seu quarto semestre de graduação - seus conhecimentos sobre o objeto estudado (consciência de si em estudantes-trabalhadores) não eram suficientemente para ter um entendimento claro das respostas colhidas.

Porém, Freire nos aliviou um pouco a sensação caótica que essas narrativas tão distintas nos produziram. Freire em “Pedagogia do Oprimido” diz que:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto. (FREIRE, 1983, p.102)

Não criamos desejos que influenciasse a narrativa dos educandos; a partir daqui partimos dela mesma, tal como se apresentou a nós. Perguntamos-nos: como e por que se produziram essas narrativas tão distintas? Mais concretamente, em que contexto a escola e as pessoas que responderam ao estudo estão inseridas?, Por que os estudantes do EJA - em sua maioria - apresentavam uma visão mais crítica da realidade que os estudantes do Ensino Médio Regular? Percebemos também que o nosso debate sobre a “consciência de si em estudantes-trabalhadores” estava permeado do que as ciências sociais chamam de “consciência de classe”, e neste

tema também nossos conhecimentos a época era insuficiente. Nosso tema então se amplia. Parece-nos que a reflexão de Marx - nossa referência intelectual - sobre essa questão (e tantas outras) se mantém viva:

[C]onvém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção- que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais- e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim. Do mesmo modo que não se julga o indivíduo pela ideia que de si mesmo faz, tampouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. É preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas e as relações de produção.” (MARX, 2008, p.50)

Pois justamente, após longo de uma período de reflexão- que concomitantemente ocorria junto com a experiência de formação na universidade- reformulamos assim nossa inquietude: como se desenvolve a exploração do trabalho e sua manifestação na consciência dos indivíduos tendo a escola como um lugar possível da análise? Estas inquietudes transformaram-se no nosso objeto de pesquisa.

4. NOSSA BASE TEÓRICA

*Se a aparência e a
essência das coisas
coincidissem, a ciência seria
desnecessária.
-Karl Marx*

Para entender como se produz a consciência de jovens e adultos trabalhadores faz-se necessário entender o caráter mais geral da reprodução da vida na sociedade brasileira. Faz-se necessário entender a dinâmica central da sociedade dividida em classes sociais contraditórias para em seguida reconstruir de forma mais clara essas realidades tão específicas como a experiência escolar em uma cidade como Foz do Iguaçu.

Como está claro no trecho que inicia essa seção, a aparência não revela a dinâmica mesma do objeto, mas somente sua manifestação mais imediata. Consideramos nesta exposição - e ao longo de nossa graduação- o estudo exploratório como manifestação da aparência do que é a consciência de si em

estudantes-trabalhadores. Como o caro leitor destas linhas deve já ter percebido, no desenvolvimento mesmo da pesquisa nosso objeto de estudo amplia-se. Não falamos, daqui pra frente, somente na “consciência de si em estudantes trabalhadores”. Tivemos que ir além, entender a realidade histórica que circunda o ambiente escolar e que o conforma (as relações sociais contraditórias).

A aparência é um dado da realidade, não se pode ocultá-lo na pesquisa. Porém, jamais se deve permanecer no relato aparente sem entendê-lo na complexa rede de relações sociais que o oculta⁴. Aqui Marx se faz central:

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos pode ser formulado, resumidamente, assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independente de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (MARX, 2008, p.49)

Se defrontar com essa constatação teórica do mundo que Karl Marx e Friedrich Engels⁵ formularam, parece ser, para alguns pesquisadores das ciências sociais, um triste fardo. Porém, nossas inquietudes nos levaram a constatação minuciosa da validade de sua maneira de entender o mundo real.

Existe uma valiosa advertência que temos que fazer ao leitor sobre o método marxista que é a seguinte:

⁴ Como diz o patrono da educação brasileira:

A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre, é *objetivismo*. Da mesma forma, a negação da objetividade, na análise como na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade.(FREIRE, 1983, p.39)

⁵ Karl Marx nasceu na Renânia (atual Alemanha) no ano de 1818 e faleceu na Inglaterra no ano de 1883. Friedrich Engels nasceu em Barmen (atual Alemanha) no ano de 1820 e faleceu também na Inglaterra no ano 1895. A parceria intelectual destes dois revolucionários incomoda as ciências sociais hegemônicas na sociedade até nossos dias.

Ao mesmo tempo que reconhecemos que no decurso do desenvolvimento geral da história o material determina o espiritual, o ser social determina sua consciência social, nós reconhecemos e devemos reconhecer a ação que, em contrapartida, o espiritual exerce sobre o material, a superestrutura sobre a base econômica. Isto não é contrariar o materialismo, pelo contrário, é evitar cair no materialismo mecanicista, é preservar firmemente no materialismo dialético. (TSETUNG, 1974, p.191)

Base e superestrutura se inter-relacionam de forma dialética, dessa forma que se desenvolve o método marxista. Portanto do ponto de vista metodológica Marx também nos fundamenta. Demonstraremos isso nas linhas abaixo.

Em um texto publicado de forma póstuma por Karl Kautsky (1854- 1938) chamado “Introdução À Contribuição da Crítica da Economia Política” Marx nos diz, em uma longa passagem que aqui reproduzimos a maneira metodológica mais correta para entender a realidade histórico- social. Segue a passagem:

Parece mais correto começar pelo que há de concreto e real nos dados; assim, pois, na economia, pela população, que é a base e sujeito de todo o ato social da produção. Todavia, bem analisado, este método é falso. A população é uma abstração se deixo de lado as classes sociais que a compõe. Essas classes são, por sua vez, uma palavra sem sentido se ignoro os elementos sobre os quais repousam, por exemplo: o trabalho assalariado, o capital etc.(...) Se começasse, portanto, pela população, elaboraria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais estrita, chegaria analiticamente, cada vez mais, a conceitos simples; do concreto representado chegaria a abstrações cada vez mais tênues, até alcançar as determinações mais simples. Chegando a esse ponto, teria que voltar a fazer a viagem do modo inverso, até dar de novo com a população, mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas. (...) O último método é manifestamente o método cientificamente exato. O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação volatiliza-se na determinação abstrata; no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. “(MARX, 2008, p.260-1)

Nossa pesquisa começa justamente “pelo que há de real e concreto nos dados” (MARX, 2008), que são as narrativas do estudo exploratório. Porém, é insuficiente e caótica a relação com o concreto dos dados sem uma base teórica clara. Fez-se necessário entender as relações sociais capitalistas de produção e reprodução da vida para posteriormente reconstruir as narrativas de modo menos caótico na mente do pesquisador- ou seja “[V]oltar a fazer a viagem do modo inverso(...) mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém

como uma rica totalidade de determinações e relações diversas.” (MARX, 2008, p.201). Essa forma metodológica é exposta de forma mais simples pelo marxista Theotônio dos Santos⁶ em o “Conceito de Classes sociais”:

A ciência começa quando a descrição se torna determinação, se torna “concreto-determinado” ou, ao contrário, “universal-concreto”. Certas conjunturas determinadas tendem a acentuar as contradições entre a aparência dos fenômenos e seus modos de ser, quer dizer, sua “essência”[...] (DOS SANTOS, 1982, p.29)

As narrativas que obtivemos eram limitadas pela pura e simples descrição individual dos fenômenos abordados. A descrição individual que cada estudante produziu não nos faria entender as relações que constituem e dão forma às suas narrativas. As narrativas se configuram como a aparência dos fenômenos (debateremos a aparência da consciência de classe apresentada nas narrativas mais a frente).

Desejamos, a partir de nossa base teórica e metodológica, entender como foi possível se dar aquelas narrativas dos educandos em ambiente escolar. Fundamentada a base teórica, abre-se a possibilidade, finalmente, de responder quais são as relações sociais que produzem a consciência histórica e de si em educandos de escolas da cidade de Foz do Iguaçu.

4.1 O CARÁTER MAIS GERAL DAS RELAÇÕES HUMANAS

Para falar de relações sociais primeiro temos que falar brevemente o que faz do ser humano um ser capaz de estabelecer relações sociais. O ser humano é um ser social - diferente dos demais animais da natureza - devido a uma prática central de nosso metabolismo humano, desenvolvido ao longo da história, chamado “trabalho”. Marx elaborou assim essa categoria:

⁶ Theotônio dos Santos nascido em Minas Gerais no ano de 1936, falecido recentemente no ano de 2018 no estado do Rio de Janeiro. Theotônio junto a Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini criaram a mais rica interpretação da realidade latino-americana, a Teoria Marxista da Dependência.

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. (MARX, 2013, p.327)

Como exemplificado no trecho, o trabalho é a categoria fundante do ser social⁷ que estabelece relações sociais e produz consciência sobre estas relações. Aqui começamos a responder nosso objeto de pesquisa. Ao longo de nossa graduação percebemos que as relações de trabalho das sociedades contemporâneas têm uma divisão contraditória entre duas principais classes sociais: a Burguesia e o Proletariado.

Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos assalariados modernos que, não tendo mais meios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver. (MARX; ENGELS, 2010, p.40)

A relação estabelecida entre essas duas classes sociais é a relação da *exploração da força de trabalho*⁸ do capitalista sobre o trabalhador assalariado. A exploração é a apropriação por parte do capitalista do trabalho excedente produzido pelo trabalhador, o mais-valor. A força de trabalho nas relações capitalistas de produção e reprodução da vida é uma mercadoria e tem um valor. Marx explica da seguinte maneira:

⁷ Freire sobre o ser social diz o seguinte:

Mesmo que possa parecer um lugar-comum, nunca será demasiado falar em torno dos homens como os únicos seres, entre os “inconclusos”, capazes de ter, não apenas sua própria atividade, mas a si mesmos, como objeto de sua consciência, o que os distingue do animal, incapaz de separar-se de sua atividade. (FREIRE, 1983, p.104)

⁸ Evitamos colocar uma citação de “O Capital” de Marx sobre o que configura a exploração da força de trabalho pois ficará implícito quando abordamos a superexploração da força de trabalho, mecanismo parecido porém específico em relação ao primeiro.

A força de trabalho existe apenas como disposição do indivíduo vivo. A sua produção pressupõe, portanto, a existência dele. Dada a existência do indivíduo, a produção da força de trabalho consiste em sua própria reprodução ou manutenção. Para sua manutenção, o indivíduo vivo necessita de certa quantidade de meios de subsistência. Assim, o tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor. (MARX, 2013, p.316-7)

Essa relação social é estabelecida tanto na Europa e Norte América como em outras partes do mundo. Porém, não necessariamente ocorrem da mesma maneira na periferia do capitalismo. Aqui na América Latina há uma relação capitalista particular, uma relação social que se estabeleceu a partir de um capitalismo “*sui generis*” (MARINI, 2011).

Feito esta primeira construção do caráter mais geral das relações sociais humanas faz-se necessário também o debate mais geral do que é consciência, nossa segunda grande pergunta a responder antes da análise das particularidades que nos defrontamos.

4.2 AS CONSCIÊNCIAS EM INTER-RELAÇÃO.

Na descrição individual, nossos dados mais concretos de como os estudantes entendiam a teia das relações sociais que estavam envolvidos, as narrativas foram um produto peculiar. Sabe-se agora que as sociedades são divididas em classes sociais, sabe-se que essas classes sociais são produto da exploração do trabalho.

Porém, por que as pessoas não conseguem sistematizar essas diferenças e entender, de modo geral, as relações sociais que vivenciam todos os santos dias? Dos Santos nos deu uma importante pista quando diz que:

Os indivíduos que compõe ou “personificam” estas categorias abstratas, quer dizer, que realizam na prática estas relações, não dispõem em geral de meios teóricos para representá-las em sua consciência. Representam-nas de modo caótico, assistemático e fragmentário, misturado com idéias dominantes em sua sociedade ou naquela em foram educados. A sistematização dessas impressões de um sistema de relações sociais na cabeça dos indivíduos forma a *psicologia de classe*. (DOS SANTOS, 1982, p.30-1)⁹

Essa passagem permite finalmente começar a reconstruir a experiência das narrativas dos estudantes 8 e 13 como símbolo dos estudantes do Ensino Médio Regular de forma geral. A psicologia de classe é esse emaranhado caótico que produz não só os favoráveis ao modo de produção e reprodução da vida social atualmente existente como também os críticos. A psicologia de classe, portanto, não é a consciência de classe.

Porém, a psicologia é um nível possível da consciência de classe, uma representação ideal que demonstra tanto a perspectiva do opressor como a do oprimido. Freire, utilizando-se do grande nacionalista e intelectual brasileiro Álvaro Vieira Pinto¹⁰ freire nos dá o caráter mais geral da consciência:

O próprio da consciência é estar com o mundo e este procedimento é permanente e irrecusável. Portanto, a consciência é em sua essência, um ‘caminho para’ algo que não é ela, que está fora dela, que a circunda e que ela apreende por sua capacidade ideativa. Por definição, continua o professor brasileiro, a consciência é, pois, método, entendido este no seu sentido de máxima generalidade. Tal é a raiz do método, assim como tal é a essência da consciência, que só existe enquanto faculdade abstrata e metódica. (PINTO *apud* FREIRE, 1983, p.61)

A consciência é “método”, algo organizado na mente pra se entender as relações sociais vivenciadas. Por isso que a psicologia de classe, a qual se tem acesso através de uma narrativa em um estudo exploratório, não algo metodicamente organizado. Por isso não caberia dizer “consciência de si” falando de classe social. Porém, essa psicologia de classe é algo importante dentro da prática de um professor, ela não algo vazio a ser preenchido, mas o ponto de partida para algo mais elaborado e consciente. Freire diz:

⁹ Há que fazer presente a honestidade intelectual, tão rara no meio acadêmico burguês. Theotônio recupera este conceito de Lukács. Como não tivemos acesso a leitura deste utilizamos a interpretação e exposição de Theotônio.

¹⁰ Álvaro Vieira Pinto nascido em 1909 e falecido no mesmo estado em 1987, foi um grande intelectual brasileiro. Autor de uma importante obra e grande influenciador de Paulo Freire. Um bom livro dele é “Por que os ricos não fazem greve?” de 1962.

Exatamente porque não podemos aceitar a concepção mecânica da consciência, que a vê como algo vazio a ser enchido, um dos fundamentos implícitos na visão “bancária” criticada, é que não podemos aceitar, também, que a ação libertadora se sirva das mesmas armas da dominação, isto é, da propaganda, dos *slogans*, dos “depósitos”. A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1983, p.77)

Exatamente por isso que a psicologia de classe é tão importante, é algo que temos que aceitar como um dado da realidade e não como um “vazio a ser preenchido”. É na experiência mesma de viver e vivenciar¹¹ o mundo que se produz a consciência como algo “metódico”, onde a sala de aula de uma escola se inscreve como um possível ambiente para essa elaboração. Porém, as causas que possibilitam que isso suceda na experiência mesma da classe. Porém há antes da experiência de elaboração a potência de ser dessa psicologia de classe a consciência de classe, há um emaranhado de objetividades¹² que joga um peso central neste, como nos diz o grande marxista oriental:

A dialética materialista considera que as causas externas constituem a condição das mudanças, e as causas internas a respectiva base; além disso, considera que as causas externas operam por intermédio das causas internas. Recebendo uma quantidade apropriada de calor, o ovo transforma-se em pinto, mas o calor não pode transformar uma pedra em pinto porque um e outro têm bases diferentes.” (TSETUNG, 1974, p.184)

Não é pura e exclusivamente a experiência que constitui a composição de uma classe social, mas uma objetividade: a exploração do trabalho (falando de relações sociais capitalistas) e a consequente opressão que isso produz em um conjunto de indivíduos desta classe. Classe é algo relacional em determinada objetividade histórica. Para encerrar este tema, temos duas grandes passagens desses dois grandes brasileiros sobre o tema:

¹¹ Já adiantamos ao leitor que é o caráter da experiência no mundo que diferencia um educando de EJA de um educando do Médio Regular. Desdobramos isso mais a frente no artigo.

¹² Um determinado marxista inglês (E.P. Thompson) - que é até que bom para se entender a experiência histórica de uma classe - parece não ter percebido o jogo central que o “ovo” desempenha na transformação, junto ao calor, do pintinho em pinto. Nos parece que sua visão sobre classe social é uma visão dotado de um culturalismo de consequências teórico-políticas ruins.

Uma classe se define primeiramente pelas relações ou modos de relações que condicionam as possibilidades de ação recíprocas entre os homens, dado um determinado modo de produção. Neste sentido, o conceito de consciência de classe é um conceito puro, quer dizer, abstrato, teórico, não referenciável diretamente a uma ou a algumas consciências empíricas. Neste nível, como vimos, podemos definir a consciência de uma classe como a representação consciente possível de seus interesses num dado modo de produção. (DOS SANTOS, 1982, p.30)

E ainda sobre o mesmo tema diz

Por consciência de classe se entende a expressão sistemática dos interesses das classes sociais[...] A consciência de classe se determina ao nível da análise dos interesses de classe dentro de uma dada formação social, independente da existência de indivíduos que percebam ou não tais interesses. (DOS SANTOS, 1982, p.36)

Paulo Freire parece completar Dos Santos quando coloca que:

Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar consciência crítica da opressão, na praxis desta busca. (FREIRE, 1983, p.39)

A proposta inicial de nosso tema era perceber se havia um conjunto de continuidades na consciência de estudantes que trabalham e estudam. Ao longo do tempo o graduando se deparou com a assertiva de que não há, muitas vezes, a correspondência entre situação de classe e consciência de classe. Mas há um elemento novo que descobrimos sobre o tema: a psicologia de classe. A consciência só se desenvolve numa relação crítica da práxis - tomo para nós como sinônimo de experiência - com a psicologia de classe. Encerramos com este tema os níveis mais gerais das relações sociais humanas na sociedade capitalista.

4.3 O PRIMEIRO NÍVEL DE PARTICULARIDADE: AS RELAÇÕES SOCIAIS DAS SOCIEDADES LATINO-AMERICANAS

*Eis que surge a verdade
Ei, até quando Brasil Colônia?(...)
Desde muito tempo atrás, muito tempo atroz
Quase desde Pero Vaz, nunca teve vez nem voz
Das favelas aos faróis,
Oprimidos desde os portugueses e espanhóis.
-Oriente.*

O estudante graduando, no 5º semestre (ano de 2017.1), cursou a matéria “História do Pensamento Econômico” junto ao curso Relações Internacionais e Integração. Esta matéria o fez aproximar-se dos temas mais gerais da realidade latino-americana. E nesse momento deu-se conta da peça central de nosso tema: a *superexploração da força de trabalho*.

Ruy Mauro Marini¹³ é o autor que construiu esse conceito teórico em “Dialética da Dependência” no ano de 1973, residente de forma exilada no Chile, lugar da publicação de seu texto. Marini definiu da seguinte maneira a superexploração da força de trabalho:

[O]s três mecanismos identificados- a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho- configuram um modo de produção fundado exclusivamente na maior exploração do trabalhador, e não no desenvolvimento de sua capacidade produtiva.[...] Além disso, importa assinalar que, nos três mecanismos considerados, a característica essencial está dada pelo fato de que são negados ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho: nos dois primeiros casos, porque lhe é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro; no último, porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal. Em termos capitalistas, esses mecanismos (que ademais podem apresentar, e normalmente se apresentam, de forma combinada) significam que o trabalho é remunerado abaixo de seu valor e correspondem, portanto, a uma superexploração.”(MARINI, 2011, p.149-50)¹⁴

A superexploração da força de trabalho é, portanto, categoria central para entender essa primeira reconstrução do particular que fazemos. Stledile e Traspadini inclusive dizem que é uma

[...] relação de subordinação própria da forma como o capital e os interesses de seus donos se internacionalizam de maneira cada vez mais integrada e intensificada. A dependência é, assim, o mecanismo central de subordinação do território, do espaço, dos sujeitos, dos países subdesenvolvidos, como forma de perpetuação do poder de reprodução do capitalismo na esfera internacional. (STEDOLE; TRASPADINI apud MARINI, 2011, p.32)

Como países subdesenvolvidos os países latino-americanos, com suas correspondentes relações sociais, cumprem um papel importante em sua relação

¹³ Ruy Mauro Marini nasceu em Minas Gerais no ano de 1932 e faleu no Rio de Janeiro no ano de 1997. Marini é peça central de nossa concepção de mundo quando fundamenta - junto a Theotônio e Vânia Bambirra - a Teoria Marxista da Dependência.

¹⁴ Mais a frente reconstruímos os impactos atuais da superexploração da força de trabalho na renda dos trabalhadores.

com o capitalismo central. Ou autores ainda sintetizaram as descobertas de Marini da seguinte maneira:

É exatamente porque a dependência vigora como mecanismo essencial de apropriação do capital em esfera internacional que a exploração do trabalho na América Latina cumprirá um duplo papel: a) de transformar as relações no interior dos países desenvolvidos, dado que os produtos alimentícios são fornecidos pelos países subdesenvolvidos e jogam peso fundamental na constituição dos salários dos trabalhadores desses países; b) de compensar as perdas dos países subdesenvolvidos, próprias dessa transferência de valor para os países desenvolvidos, a partir de uma utilização superexploradora da força de trabalho no interior das economias latino-americanas, a partir do pagamento de um salário que sequer repõe as forças gastas pelo trabalhador no ambiente de trabalho. (MARINI, 2011, p.34)¹⁵

Nessa particularidade tão complexa que se inscreve os seres humanos que conhecemos dentro das escolas de Foz do Iguaçu. A superexploração do trabalho, por seu caráter de dependência para com os centros capitalistas, na condição que nos impõe de país subdesenvolvido da periferia do capitalismo, é o que dá clareza e coerência nas relações sociais que estabelecemos dentro e fora da escola. Isso possibilita entender por que uma boa parte dos jovens estudantes que trabalhavam era em relações trabalhistas informais, porém isso é tema para outro momento.

5 RECONSTRUINDO O ESPECÍFICO E AS ESCOLAS DE FOZ DO IGUAÇU

*Livres pensadores assustam
Conservadores, só conservam dores.
Vocês têm medo das mudanças,
Malditos escravos de antigos valores.
-Diomedes Chinaski.*

Foz do Iguaçu é uma cidade do Oeste do Paraná, localizada dentro do Brasil que por sua vez está localizada dentro da América Latina. Aqui por um longo tempo, como vimos na matéria de “Histórica da Fronteira Trinacional”, era residente os povos indígenas, marcadamente o povo guarani. Em um período houve exploração de madeira e erva mate por parte dos argentinos. Depois de um tempo há colônias militares que se estabelecem na cidade, por ser zona de fronteira nacional. A cidade é altamente militarizada por esses motivos e outros.

Filha de grande migração e briga por disputas de território, a cidade tem seu boom durante a ditadura militar, devido à construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu

¹⁵ Optamos por colocar a síntese dos apresentadores do livro de Marini para melhor discorrer nosso artigo, tendo em vista que Marini vai desdobrar e argumentar todos esses pontos ao longo de páginas e páginas de “Dialética da Dependência”. Indicamos ao leitor a leitura sistemática dessa obra de Marini.

Binacional. Foz do Iguaçu é uma cidade de muitas línguas, culturas e credos, coisa que gera contradições e produz uma cidade extremamente peculiar. Porém, como afirmamos anteriormente, Foz está localizada na periferia do sistema capitalista. Aqui nesse país, segundo dados do DIEESE¹⁶, para o mês de outubro de 2018 o salário mínimo era de 954,00 R\$ e o *salário mínimo necessário* para a reprodução da força de trabalho do trabalhador brasileiro deveria ser de 3.783,39 no mesmo mês¹⁷. O DIEESE faz esse cálculo do salário mínimo necessário da seguinte maneira:

Para calcular o Salário Mínimo Necessário, o DIEESE considera o preceito constitucional de que o salário mínimo deve atender as necessidades básicas do trabalhador e de sua família e cujo valor é único para todo o país. Usa como base o Decreto lei nº 399, que estabelece que o gasto com alimentação de um trabalhador adulto não pode ser inferior ao custo da Cesta Básica de Alimentos. A família considerada para o cálculo é composta por 2 adultos e 2 crianças, que por hipótese, consomem como 1 adulto.” (DIEESE, 2016, p.10)

A partir desses estudos conseguimos perceber os impactos que a *stf*¹⁸ gera na sociedade brasileira. O DIEESE comprova de forma extremamente clara como a *stf* opera na sociedade brasileira. O Brasil demorou muito para universalizar a educação básica, e ainda não universalizou o ensino médio nem muito menos a universidade. A partir da *stf* entendemos o nível de abandono dos adolescentes da escola. Segundo pesquisa OCDE:

No cenário da educação brasileira, alguns dados chamam a atenção. Em 2015, mais da metade dos adultos, com idade entre 25 e 64 anos, não tinham acesso ao ensino médio e 17% da população sequer tinham concluído o ensino básico. Os números estão muito abaixo da média dos países da OCDE, que têm 22% de adultos que não chegaram ao ensino médio e 2% que não concluíram o básico. (CAZARÉ, 2017)

O mecanismo gera nossa dependência -a *stf*- é criadora destes patamares de educação. Por essa característica e por esse motivo é que existe o EJA, e que deve, com todas as forças, se defendido pelos educadores brasileiros. Em pesquisa recente:

¹⁶ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

¹⁷ Ver: <<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>>

¹⁸ É uma sigla para “Superexploração da Força de Trabalho” adotada pelos teóricos da Teoria Marxista da Dependência.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) 2016, divulgada nesta quinta-feira (21/12), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que apenas 15,3% dos brasileiro têm ensino superior completo. Os dados, que analisam diversos indicadores da educação no País, revelam que 11,2% da população de 25 anos ou mais não tinham qualquer instrução, mas não chegam a ser analfabetos. As taxas são mais altas nas regiões Norte e Nordeste, com 14,5% e 19,9%, respectivamente. (PARRODE, 2017)

Ainda hoje - apesar do grande exército industrial de reserva de pessoas com diploma- um adulto que volta aos estudos e terminar um curso superior têm melhores salários dentro da sociedade capitalista brasileira, é uma estratificação social melhor remunerada dentro dos proletários brasileiros. Este mecanismo, o da família trabalhadora ganhar baixos salários, é o que faz com que os jovens estudantes do ensino médio tenham que ir para o mercado de compra e venda da força de trabalho¹⁹. A *stf*, portanto, tem grande impacto nas escolas brasileiras.

Enquanto países como a Alemanha tem altos salários²⁰ e excelentes patamares de educação, a dependência brasileira cria uma grande estratificação social dentro da classe trabalhadora entre os que estudaram e não estudaram. Cabe ainda anotar, como dito que um dos mecanismos da *stf* era a de que as elites locais não perdiam em valor apropriado individual para os centros capitalis mas sim que tiram do fundo de consumo do valor da força de trabalho suas grandes quantias de riquezas, em outra pesquisa recente:

Jorge Paulo Lemann (AB Inbev), Joseph Safra (Banco Safra), Marcel Hermmann Telles (AB Inbev), Carlos Alberto Sicupira (AB Inbev), Eduardo Saverin (Facebook) e Ermirio Pereira de Moraes (Grupo Votorantim) são as seis pessoas mais ricas do Brasil. Eles concentram, juntos, a mesma riqueza que os 100 milhões mais pobres do país, ou seja, a metade da população brasileira (207,7 milhões). Estes seis bilionários, se gastassem um milhão de reais por dia, juntos, levariam 36 anos para esgotar o equivalente ao seu patrimônio. Foi o que revelou um estudo sobre desigualdade social realizado pela Oxfam. (ROSSI, 2017)

Até mesmo para os professores da educação básica a superexploração da força de trabalho demonstra seu caráter de totalidade das relações sociais da América Latina. No Brasil o piso salarial dos professores é de 2.455,35. Os poucos que atingem esses níveis salariais têm uma boa condição de vida se comparado ao

¹⁹ “Os marxistas de hoje só se preocupam com os adultos: ao lê-los, podia-se crer que nascemos na idade em que ganhamos nosso primeiro salário; esquecem-se de sua própria infância.” (Sartre *apud* *apud* Iasi, 2011, p.56-57)

²⁰ “Em 2015, entrou em vigor na legislação alemã a política do salário mínimo, que antes era inexistente na Alemanha. O valor mais recente encontrado do salário mínimo alemão é de janeiro de 2018, por volta de 1.498 euros.” (REIS, 2018), 1.498 euros corresponde à 6.611 reais.

conjunto da sociedade (estratificação social). Salta às vistas que a stf é a condição da realidade brasileira. Condição que produz a nossa experiência escola como professores e a psicologia de classe dos trabalhadores, jovens ou velhos. Nessa especificidade que se produziu nossa experiência em ambientes escolares na cidade de Foz do Iguaçu. Cabe ainda fazer algumas notas sobre nossa experiência aqui antes da conclusão do artigo.

5.1 A TEMA DO TRABALHO NA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.

Como não estamos preocupados pura e exclusivamente com as categorias abstratas, mas sim com sua vinculação com a realidade brasileira, este tópico aprofunda a compreensão da manifestação da presença das relações de trabalho na periferia do capitalismo.

Na matéria de Estágio II, no ano de 2017.2, nos deparamos com o tema do trabalho novamente. Executamos apenas duas aulas- oficinas em outra escola de Foz do Iguaçu. Nosso tema era “Usina de Itaipu”, tendo em vista que a escola é localizada em bairro de moradores que construíram a barragem, evidenciando a pertinência do tema. Em uma sala, após um longo debate, nos deparamos com o “tema gerador”²¹, que poderia ser tocado a frente (mas infelizmente não fazia parte do cronograma de Estágio II) , da questão “indígena”. Isso surge a partir de um longo debate em sala se indígena trabalha ou não.

Na segunda sala que interferimos junto à professora titular da disciplina de história, o tema foi do “trabalhador”. E por um motivo interessante: na imagem que levamos sobre Itaipu não havia trabalhadores representados. Isso puxou o debate de como era o trabalho na Usina, abrindo um tema gerador novo. Porém, como não fazia parte das competências do Estágio II a ministração de aulas sistemáticas junto aos educandos as nossas inquietações pararam ali. Inquietações que estamos respondendo neste artigo.

Cabe ressaltar um acontecimento importante que nos sucedeu no Estágio II. Executamos, como parte do componente de estágio II, uma entrevista com o coordenador pedagógico do período noturno da escola. Este nos disse, de forma

²¹ Sobre “tema gerador” ver: Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido (1983) capítulo III, p.89 à 142.

bem clara, que a partir de sua experiência como educador em ambiente escolar “a escola só serve somente para o controle do corpo dos estudantes”²², “para que não fiquem na rua e cometam crimes pois a função que a escola se propõe ela não consegue colocar em prática”. Relato que demonstra na prática as linhas que desenvolvemos anteriormente sobre os patamares de educação no Brasil. A vivência mesma deste educador o fez tem claro na mente essa totalidade capitalista das relações de produção e reprodução da vida que travam a função escolar.

No Estágio III, correspondente a 2018.1, decidimos voltar a uma escola de EJA. Diferente da escola do estudo exploratório. Lá nos deparamos novamente com a questão da psicologia de classe junto aos adultos. Percebemos que os mais velhos, ao revés da faixa etária geracional, foram extremamente progressistas em relação ao tema da Revolução Francesa (tema que tivemos que conduzir em 2 encontros em sala de aula, contabilizando 8 aulas construídas junto aos educandos).

Utilizamos o método da “chuva de ideias” e deste método vinham raciocínios como “Guerra”, “Luta”, “Fome”, “Pobreza”, “Ricos vs Pobres”, “Revolta” e afins da parte dos educandos²³. Em um determinado momento surgiu por parte deles em meio ao debate, anterior a primeira protonarrativa, que o que precisávamos para hoje em dia era de uma revolta, uma revolução. Veja como existe uma grande similitude entre o educando do EJA 6 (que simboliza a crítica a realidade que boa parte dos demais produziram) do nosso estudo exploratório e as frases que nos chegavam dos próprios educandos adultos do EJA de estágio.

No estágio anterior (Estágio II) a sensação com os jovens era uma sensação de disputa, inclusive porque se apresentou visões conservadoras por parte dos jovens quanto à questão indígena. Mas mesmo naquela oportunidade a experiência de estágio foi boa. Nessa (a de Estágio III) foi ainda melhor no quesito tratamento recíproco. Os adultos são mais respeitosos no tratamento educador-educando.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Jamais volte
para sua quebrada*

²² Relatório de Estágio II, Rafael Ribeiro (2018).

²³ As minúcias de nossas aulas no EJA estão dentro do Relatório de Estágio III que produzimos no ano de 2018.

*de mãos e mentes vazias.
-Emicida.*

Parece-nos que a experiência de vida dos estudantes de EJA, sua maior existência na sociedade de classes, os possibilita ter uma consciência menos resignada, desencantada, irrefletida sobre a realidade.

Uma sala de aula de uma escola reflete a lutas materiais e ideológicas de uma determinada sociedade em determinado tempo histórico. Nossa experiência nos mostra que as relações capitalistas da periferia subdesenvolvida do sistema mundial expressa - nesse microcosmo que é a sala de aula- se expressa os conflitos de existência e consciência, consciência e existência das classes sociais. Essa experiência que o graduando obteve nessa realidade específica escolar de Foz do Iguaçu demonstra a generalidade do modo de produção e reprodução do organismo social do capital.

Percebe-se que a educação e consciência histórica de um adulto que volta a estudar é extremamente mais problematizadora do que a consciência de um jovem do ensino médio regular. Estamos convencidos de que a experiência de vida - de classe - faz um trabalhador boa parte das vezes passar da psicologia de classe a consciência de classe em si.

O exemplo simbólico disso é a narrativa do educando do EJA número 4, que não só apresentou uma visão crítica do mundo aos 64 anos de idade como também demonstrou a necessidade de se interferir na realidade, de fazer algo sobre tudo que estava acontecendo (consciência classe em si). Os estudantes de outro EJA, dois anos depois também apresentaram uma visão crítica do mundo. Em nossa aula sobre a Revolução Francesa eram rebeldes quanto à necessidade de se transformar a realidade.

Se compararmos o chão de vida dos estudantes do EJA com os dos estudantes do Ensino Médio veremos que o principal fator de diferenciação é a idade. Temos a ideia de que devido sua vivência neste mundo os adultos do EJA são mais conscientes da exploração e opressão que ocorre no mundo. Percebemos a partir da “chuva de ideias” que não foi tomado a revolução como algo negativo, mas como fruto de uma extrema desigualdade social.

Porém, também se percebeu que parte dos estudantes jovens do médio

regular também demonstrou elementos críticos à realidade (educandos 6 e 15). Uma das possíveis causas dessa manifestação de classe é que uma classe não vive só da sua própria experiência no mundo, vive também da experiência dos indivíduos anteriores²⁴.

Parece-nos ainda que é fundamental - para um professor de história - a compreensão clara do que é a *psicologia de classe* em Lukács, tendo em vista que a psicologia de classe está presente nas “narrativas históricas” primeiras dos estudantes; esta prática de produção de narrativas primeiras aprendemos no curso de história executar o planejamento das aulas e dos temas a serem trabalhados.

A superexploração do trabalho, como categoria fundamental do organismo social latino-americano, tem peso sobre as escolas públicas na qual transitamos em Foz do Iguaçu. Os baixos patamares salariais e educacionais que superexploração da força de trabalho nos impõe é a que cria a experiência mesma em ambiente escola. É a que cria a consciência de jovens e adultos que adentram o ambiente educacional.

Considerando que o professor precisa saber das relações sociais que circundam a escola para aí sim saber desenvolver bem seu trabalho nos parece que a perspectiva de um “professor pesquisador” que a formação em História Licenciatura da Unila é pertinente frente a essa necessidade. Um professor que pensa sua prática tem que executar de forma clara a relação entre o particular e o universal, entre a aparência e a essência dos fenômenos. É necessário pensar sua própria prática e ter um trabalho intelectual constante, reparando as mudanças ao longo do tempo e continuidades.

Faltou-nos fazer um debate sobre os assalariados do ramo de serviços com mais qualidade tendo em vista que é a principal relação trabalhista em uma cidade como Foz do Iguaçu, e esta relação tem seus efeitos nas estruturas escolares da cidade. Outra possibilidade de pesquisa é entender como que a superexploração da força de trabalho influencia na educação básica, parece-nos que a assertiva de Sartre de merecer ser menor demonstrada em Foz do Iguaçu especificamente. Mais possibilidade de pesquisa dentro do ambiente escolar é como se opera *Fetichismo da mercadoria* nos jovens; deparamos-nos dentro de sala de aula com estudantes o

²⁴ Neste tema específico o já citado marxista inglês marxista Inglês E. P. Thompson (1924-1993) é de grande validade.

tempo todo demonstrava as mercadorias que traziam em seu corpo. Parecia que somente a parte das mercadorias que se constitui sua identidade. Várias questões a responder.

Uma das coisas a responder nesta conclusão, sem sombra de dúvidas, é: como superar uma escola que não possibilita a sistematização da consciência? Uma resposta comum na universidade é a de que é necessário mais “políticas públicas”. Não nos parece uma boa resposta pois

Na relação entre Estado e sociedade ao longo do século 20, e em especial entre os anos de 1945 e 1975, o momento predominante foi exercido pela necessidade imperiosa de o capital promover uma articulação superior entre as formas relativas e absolutas de extração da mais-valia, a fim de “deslocar” para o futuro sua crise estrutural (Mészáros, 2002). Sem isto, o sistema do capital não poderia ter continuado a se expandir como o fez. Foi isto que possibilitou a gênese e o desenvolvimento da aristocracia operária, base social imprescindível ao desenvolvimento do reformismo, e que está na gênese e no desenvolvimento da intervenção do Estado na economia por meio das políticas públicas – antes, durante e depois dos “30 anos dourados”. Foi isto que possibilitou que o Estado ao mesmo tempo abrisse suas portas aos sindicalistas e políticos reformistas e desenvolvesse seus mecanismos de repressão e tortura. Foi isto que possibilitou ao Estado portador do “compromisso” deportar crianças, maltratar velhos e idosos, promover a concentração da riqueza, investir trilhões no complexo industrial-militar, promover guerras como nenhum outro Estado, transformar os centros urbanos em paraísos para a especulação imobiliária, condenando milhões de seus cidadãos às moradias mais precárias etc. (LESSA, 2013,p.212)

Política pública não superará o caráter de dependência que a superexploração da força de trabalho gera em nossas sociedades. Somente superando a superexploração e a dependência que escola irá ter patamares melhores de educação.

Já não há mais possibilidades de políticas públicas no atual patamar das relações capitalista. É necessário um projeto que leve a educação para além do debate da política pública. É necessário que os educadores questionem o poder estabelecido, entendam o que é o poder na sociedade dividida em classes sociais. Os educadores se limitam a interpretar a realidade educacional; o que importa é transformá-la. Só uma alternativa de poder, um Poder Popular pode resolver os problemas da educação na América Latina. O “consciência de si” desenvolvido lá no começo do artigo e da graduação se transformou, ao final, em “consciência de mim no mundo”.

Percebo que depois deste artigo - que estamos convencidos de ser um bom

símbolo de um balanço de nossa trajetória militante- intelectual - a consciência que se produziu foi a de nossa prática como jovem educador e das dificuldades que iremos encarar em nossa profissão.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CAZARRÉ, Marieta. **Mais da metade dos adultos não chega ao ensino médio.** Disponível <<https://maringa.odiario.com/geral/2017/09/mais-da-metade-dos-adultos-nao-chega-ao-ensino-medio-diz-ocde/2411630/>>. Acessado no dia 5 de dezembro de 2018.

DIEESE. **Salário mínimo nominal e salário mínimo necessário.** Disponível em <<http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>> Acessado no dia 27 de nov. 2018.

DOS SANTOS, Theotonio. **Conceito de Classes Sociais.** [Tradução de Orlando Reis]. Petrópolis- RJ: Editora Vozes., 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IASI, Mauro. **Ensaio Sobre Consciência e Emancipação.** 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LESSA, Sérgio. **Capital e estado de bem-estar: o caráter de classe das políticas públicas.** São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política.** [Tradução de Florestan Fernandes]. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. ENGELS, Friedrich. **Burgueses e Proletários**, p.40-51 In: ____ Manifesto Comunista. [Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings]. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital.** [Tradução de Rubens Enderle]. Versão eletrônica. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARINI, Ruy.M/ TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João P.(orgs). **Ruy Mauro Marini: Vida e Obra.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PARRODE, Alexandre. **Apenas 15% dos brasileiros têm ensino superior completo, mostra IBGE.** Disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/apenas-15-dos-brasileiros-tem-ensino-superior-completo-mostra-ibge-113091/>>. Acessado no 05 de dezembro de 2018.

REIS, Yara. **Salário Mínimo na Alemanha.** Disponível em <<https://www.eurodiclas.com.br/salario-minimo-na-alemanha/>>. Acessado no dia 4 de dezembro de 2018.

ROSSI, Marina. **Seis brasileiros concentram a mesma que a metade da população mais pobre.** Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/22/politica/1506096531_079176.html> Acessado no dia 01 de dezembro de 2018.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da historiografia**, n. 2, p. 163-209, 2009.

TSETUNG, Mao. **Citações do Presidente Mao Tsetung.** Editora Minerva. 1. ed. 1974, conforme as Edições em línguas estrangeiras. Pequim, 1967.

Anexo I.

Este questionário nos serviu para entender na análise quem estava escrevendo a redação posterior, com um mínimo de informações que julgamos necessárias para a compreensão da consciência histórica.

Questionário para a pesquisa.

Nome completo : _____

Idade: _____

Cidade: _____

1. **Você trabalha ?** () sim. () não.

Se sim, em que:

Se não, já trabalhou antes ? () sim. () não.

Se sim, em que:

2. Qual ramo você enquadra seu trabalho ? (ex: Hotel= Hotelaria)(Não é necessário colocar o nome de onde trabalha.)

3. Trabalho registrado em carteira? () sim. () não.

Se sim, quanto tempo?

Se não, já trabalhou registrado ? () sim . () não

Quanto tempo?

A parte mais importante de nossa pesquisa são as narrativas dos educandos. A temática entorno do debate da CLT era “A situação dos trabalhadores no passado, no presente e como será em um futuro próximo”. No início da pesquisa havia algumas charges para mobilizar o conhecimento histórico seguido de um pequeno texto explicativo e por último uma proposta de redação.



Os 11 Trabalhadores do Edifício Rockefeller. New York, 1932.



Manifestação operária - Rio de Janeiro, 01/05/1919.

CLT (Consolidação das leis do trabalho).

Em 1943, durante o Governo Getúlio Vargas, foi sancionada a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Essa Legislação, vigente até hoje, garante aos trabalhadores uma série de direitos, como jornada máxima de 8 horas diárias de trabalho, décimo terceiro salário, direito à aposentadoria e férias anuais.

Atual situação da CLT.

Atualmente, uma série de propostas de reforma trabalhista vem sendo discutida no congresso nacional, com o argumento que a CLT está ultrapassada e dificulta a geração de empregos. Entre as propostas de reforma, consta a possibilidade de

aumento da carga horária quando houver acordo entre patrão e empregado, bem como da criação de contratos de trabalho que não exigem carteira assinada nem vínculo empregatício, desobrigando os empregadores de encargos como décimo terceiro salário e FGTS.

Proposta de Redação

Elabore uma redação com o tema: “A situação dos trabalhadores no passado, no presente e como será em um futuro próximo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ex:

KANITZ, S. Leia sempre o original. Veja, São Paulo, v. 36, n. 20, 14 maio 2003.

Disponível em: . Acesso em: 13/05/2003.

LIN, M. C.; MANOCHA, D. Fast interference detection between geometric models.

The Visual Computer, Chicago, v. 11, n. 10, p. 542-561, 1995.